

**NHÔ GUIMARÃES, DE ALEILTON FONSECA:
A GÊNESE, O TEXTO LITERÁRIO E A MEMÓRIA**

Adna E. Couto dos Santos (UFBA)

adnacouto@gmail.com

Silvia La Regina (UFBA/UFOB)

silvialaregina@hotmail.com

RESUMO

A memória cultural das civilizações, inicialmente transmitida através da oralidade, se torna mais representativa a partir dos registros escritos, que ultrapassam o tempo e a história com menos fragilidade. Ao longo dos tempos os escritores passaram a produzir suas obras e alguns deles a guardarem tudo que escreviam. Nessa perspectiva da escrita e da construção de textos, pode-se fazer a seguinte reflexão: se um livro pudesse falar através da linguagem verbal, sobre tudo que passou até chegar à estante de uma livraria, poderia dizer as etapas que o escritor percorreu até que ficasse pronto, falaria de todas as alterações que sofreu, o que se perdeu no meio do caminho, os textos que estavam nele e depois foram retirados. Os livros, no entanto, podem falar de outra forma, através das marcas que o escritor deixa nos seus textos, da linguagem que utiliza e do perfil que se forma por intermédio dos seus escritos e da memória cultural presente em suas produções literárias. Objetiva-se por meio deste trabalho fomentar a importância dos estudos de gênese através da análise de como se deu o surgimento da obra *Nhô Guimarães*, de Aleilton Fonseca e como este texto literário apresenta fortes marcas e representatividade na formação e construção da memória cultural do imaginário sertanejo.

Palavras-chave: Gênese. Imaginário sertanejo. Memória

1. Primeiras palavras

Perceber a dinâmica de um texto e toda sua mobilidade é também ver a língua em movimento e as múltiplas possibilidades de interpretação que um estudo de gênese pode proporcionar. Para os críticos e amantes

do texto essa é uma atividade de muita responsabilidade, mas também de muito prazer. O texto literário é o instrumento pelo qual se compreende a complexidade e pertinência de um processo de criação, e do legado histórico e cultural que essa análise representa. Pretende-se por meio deste trabalho fomentar a importância dos estudos de gênese através da análise de como se deu o surgimento da obra *Nhô Guimarães*, de Aleilton Fonseca e como este texto literário apresenta fortes marcas e representatividade na formação e construção da memória cultural do imaginário sertanejo.

2. Aleilton Fonseca, a gênese de *Nhô Guimarães* e a memória cultural sertaneja

O escritor Aleilton Fonseca é um autor baiano da Geração 80 (1980). Suas obras marcam esse período com textos que revelam uma geração de jovens autores com qualidade literária e forte representação acadêmica. Como amante das letras e da poesia, enveredou-se pelo caminho da lírica e da produção de poemas, mas é como romancista que se destaca no cenário da literatura nacional e também internacional. Nasceu em Itamirim, hoje Firmino Alves – Bahia, em 21 de julho de 1959. É poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário. Em 1963, sua família se fixou em Ilhéus – Bahia, onde o escritor viveu a infância e a adolescência, e escreveu e publicou seus primeiros textos em jornais.

Em 1977 começa a publicar contos e poemas no *Jornal da Bahia*, de Salvador, tendo vencido três vezes o seu Concurso Permanente de Contos. Publica também no suplemento “A Tarde/Novela”, de *A Tarde*, jornal que tem circulação nacional. Em Ilhéus passa a assinar a coluna “Entre Aspas”, no *Jornal da Manhã*. Em dezembro de 1977, aos 18 anos, sai sua primeira entrevista, no *Jornal da Bahia*, quando é apresentado por Adinoel Mota Maia como um novo escritor que surgia no sul da Bahia. Ainda neste ano, vence o prêmio de contos da Editora Grafipar, do Paraná. Mesmo sendo um escritor baiano e apaixonado por sua região, sua escrita ultrapassa os parâmetros “regionalistas”.

Nota-se que suas obras privilegiam as experiências da vida. Isso faz com que a escrita se aproxime mais do leitor. Essa característica permite uma forte interação entre o leitor e a obra, facilitando, consequentemente, o processo comunicativo que deve existir na leitura de textos, e consequentemente promove uma maior acessibilidade e interesse por parte de um grupo da população que não está ligado ao contexto acadêmico

literário. A citação seguinte destaca outra característica significativa do escritor, que é sua habilidade vocabular, como se apropria das palavras e as apresenta com um aparente prazer de entendimento e aplicação, a maneira como relaciona determinadas palavras a lembranças de sua infância, episódios e até fisionomias do passado.

[...] o contista Aleilton conjuga numerosas vezes o verbo escavar e os substantivos que lhe estão associados. Ao escavar, ele seleciona palavras e as saboreia. O contista as toma no paladar, sente-lhes o gosto, o peso, o nível de expressão. Há nesse conúbio com as palavras um prazer por assim dizer sensual. O escritor escava lembranças, que se identificam através de palavras, escava rostos e episódios da infância – e essa garimpagem permanente lhe rende histórias (vai esse termo, para mim preferível a estórias) dignas de reflexão. (PÓLVORA, 2005, p. 4)

A linguagem de Aleilton Fonseca é acessível ao leitor, os enredos são simples, não no sentido de simplórios, mas no sentido de próximos do leitor. Henrique Wagner, poeta e contista, reforça esse pensamento na citação abaixo:

Dois mandamentos, dentre outros, são visíveis na prosa do escritor baiano: “Não comece a escrever sem saber aonde ir. Em um conto as três primeiras linhas têm quase a mesma importância que as três últimas” e “Se quiseres expressar com exatidão esse fato: um vento frio sopra do rio, não há na linguagem humana palavras mais exatas que essas. “Seja dono de tuas palavras sem te preocupares com tuas dissonâncias”. Autor voltado para a tradição do conto sem mofo, Aleilton ousa permanecer. Dá sobrevida aos clássicos, aos grandes mestres da estética. (WAGNER, 2005, p. 4)

As observações do contista Wagner (2005) se voltam para a linguagem simples, intimista e acessível, para a veracidade dos enredos e também para a maneira como o autor saboreia as palavras e compartilha esse prazer da escrita com o leitor. Mostram um escritor que prioriza a exatidão das palavras e a objetividade ao expressá-las. Essas características mostram um perfil que se traça ao longo de sua carreira como escritor, como também um legado cultural que deixa à sociedade. Desde 2005, Aleilton Fonseca pertence à Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira de número 20. Sua posse aconteceu no dia 15 de abril.

Entre as várias homenagens que recebeu quanto completou 50 anos, em 2009, na Bahia foi homenageado pelo Instituto de Letras – UFBA, através de um seminário sobre sua obra intitulado: “Trajetória Criativa: 50 anos de Aleilton Fonseca”. Essa homenagem foi uma atividade que fez parte do projeto de pesquisa “Migrações: o Escritor e Seus Múltiplos”, do qual Fonseca é um dos escritores estudados. Entre algumas premiações literárias estão o Prêmio Nacional Herberto Sales (con-

tos), da Academia de Letras da Bahia, em 2001, e o Prêmio Marcos Almir Madeira, da União Brasileira de Escritores / RJ, em 2004.

Após várias publicações, surge em 2006, publicado pela editora Bertrand Brasil, o romance *Nhô Guimarães*, uma narrativa escrita em prosa que traz em seu contexto principal uma espécie de homenagem ao escritor João Guimarães Rosa, no cinquentenário do livro *Grande Sertão: Veredas*. Este livro porém, transcende a homenagem e ganha vida própria. No entanto, toda obra literária que chega às livrarias, já publicada, passa por um longo processo de produção. Muitos leitores não imaginam todo o labor de um escritor na produção de seus textos. Alguns autores, inclusive, iniciam um texto com uma proposta de gênero e no decorrer do processo de escrita, o modificam.

O processo de gênese do romance *Nhô Guimarães* começa com a proposta de um conto, que inicialmente se chamou “Nhô Guimarães”. Esta primeira escolha se deu ao fato de uma certa insegurança por parte do escritor, um receio de que sua proposta de remontar o cenário do imaginário sertanejo de Guimarães Rosa fosse tomada como uma imitação, porém após refletir sobre a perspectiva da homenagem, decidiu manter a originalidade do sobrenome Guimarães. Em entrevista²⁹ com Aleilton Fonseca, o escritor afirmou que *Nhô Guimarães* (o romance) surgiu primeiramente no formato de um conto, que inclusive foi publicado em uma de suas obras intitulado como *Desterro dos mortos*, em 2001. Este livro contou também com uma segunda e terceira edição publicada pela editora *Via Litterarum* em 2010 e 2012. Aparentemente, em 2001, o conto foi dado como concluído, mas a voz narrativa ainda incomodava o autor, partindo disso ele afirmou que voltou ao texto e começou a transformar o conto em uma novela.

Quando o escritor mandou para a editora, sentiu que ainda faltava algo no texto e pediu mais tempo para finalmente transformar a novela em um romance, só assim o autor se deu por satisfeito e publicou o livro *Nhô Guimarães*, em 2006, pela Editora Bertrand Brasil. O trecho abaixo revela a fala do escritor sobre o surgimento de *Nhô Guimarães*:

Nhô Guimarães surgiu com a ideia de um conto no ano 2001, que de fato eu escrevi o conto *Nhô Guimarães* que foi publicado no livro *Desterro dos mortos* (2001), e pronto dei o caso como encerrado, mas eis que com o passar de alguns anos, aquela narradora que tinha aparecido e tomado fluxo da lin-

²⁹ Entrevista realizada com o escritor em 17 de junho de 2010. As respostas foram gravadas em câmera digital e, logo após, transcritas para um arquivo Word.

guagem do conto me voltava à consciência, eu sentia que aquela narrativa não estava conclusa no conto, que havia muito mais a narrar. Até que um dia eu voltei ao computador, abri o conto e senti que naquele conto havia momentos, passagens, que poderiam responder por uma história de base e entre as passagens daquela história de base poderiam ser inseridas essas outras histórias que a narradora queria ditar para que eu digitasse no texto. E assim eu pensei que aquele conto ia se tornar uma novela. Em algumas versões eu tenho a configuração de uma novela, em que a história de base é segmentada e entre esses segmentos se desenvolve outras passagens.³⁰

O processo de criação de uma obra é tão dinâmico que o texto, na sua mobilidade, pode sofrer inúmeras alterações, inclusive de gênero, como é o caso de *Nhô Guimarães*, que começou como um conto, transformou-se em uma novela e por fim em um romance. O tempo de criação do romance *Nhô Guimarães* foi de aproximadamente um período de seis anos.

A obra dá ênfase ao contexto do sertão como um lugar de memória. Apresenta uma narradora octogenária, uma sertaneja idosa, que também é protagonista e se mostra ao mesmo tempo individualizada pela sua própria história de vida e socializada pelos temas coletivos de suas narrativas.

O senhor veja: estou na casa dos oitenta. Nessa idade, vou vivendo sem passar precisão. Nas terras ao redor, pouquinhos, porém dadivosas, planto e colho de um tudo o pouco que preciso para o meu sustento. [...] O senhor veja: sou uma velha arrumada, vivo em paz no meu sossego. Sei me cuidar. (FONSECA, 2006, p. 51)

Por meio das memórias dessa sertaneja, o escritor reconstrói uma vida e, ao fazer isso, traz aspectos particulares e gerais de uma comunidade, numa narrativa sempre pontuada pela presença ilustre de Nhô Guimarães. Remonta através dos “causos” contados, todo o contexto da cultura sertaneja e seu imaginário, as crenças, os hábitos, as vivências. Partindo de registros sobre as viagens de Guimarães Rosa pelo sertão, o autor ficcionaliza essas anotações e as apresenta em meio às recordações de uma velha senhora, numa prosa bem ao estilo rosiano, no aconchego de uma humilde casa sertaneja, ao sabor da água fresca “do pote de barro” e do café coado na hora, um contexto tipicamente sertanejo, inclusive citando aspectos climáticos que caracterizam o sertão. E é assim, evocando suas recordações, que a narradora-protagonista de *Nhô Guimarães* tece sua prosa com um jovem cavaleiro desconhecido que aparece em

³⁰ Informação obtida em entrevista realizada com o escritor no dia 17 de junho de 2010.

sua casa. Inicialmente confundido com Nhô Guimarães, de quem a velha senhora é saudosa e sempre está a espera.

– Nhô Guimarães por aqui? Há quanto tempo! Ah, não. Nsh, nsh! Não é ele, não. Mas, quem é o senhor? Apeie, chegue à frente, a casa é nossa. Entre, que lhe dou uns goles de água fresca. Venha ver que a melhor é essa do pote de barro, dos antigos, que ainda tenho. Aprecie. Estes caminhos andam numa poeira danada, essa secura, sem chuvas. Isto é o sertão. (FONSECA, 2006, p. 11)

As memórias da idosa senhora são o fio condutor da narrativa. *Nhô Guimarães* não é uma narrativa linear de uma história de vida, mas uma história de vida intercalada das histórias de outras vidas, entrecruzadas nas veredas do viver, do lembrar, do rememorar. Andress Huyssen (2000, p. 18), no texto “Passados Presentes”, faz uma leitura do pensamento de Freud, que afirma ser a memória e o esquecimento indissolúveis, mutuamente ligados, que a memória é uma forma de esquecimento e o esquecimento uma forma de memória escondida.

A memória é o diálogo que se estabelece entre o plano da recordação e a vida presente. É o lugar onde se guarda o vivenciado, o visto, o ouvido, reminiscências de percepções e experiências vividas ao longo da vida. Em *Nhô Guimarães* (2006), essa memória parte de uma memória individual da narradora, da seleção que ela faz de suas lembranças ou esquecimentos e se amplia para uma memória coletiva que vem através da caracterização das vivências do povo sertanejo.

De acordo com Queiroz e Teixeira

Os textos literários recriam fatos do cotidiano, pois o autor narra acontecimentos que marcam uma determinada época, deixando desenhados nos seus escritos perfis sociais, políticos e culturais de um povo, de uma região, particularizando-os, singularizando-os, distinguindo-os dos demais povos ou regiões. [...] (QUEIROZ; TEIXEIRA, 2008, p. 127)

No capítulo 17, “o sertão é de todos”, a narradora expõe um perfil de um contexto histórico onde a vingança, a injustiça e a violência imperavam no sertão, e como isso foi se modificando com o passar do tempo.

O tempo de homens brabos, esse já passou, agora é tempo de acertos, pelo melhor considerar de todos. Porque antes havia chefe de mando, com seus capangas, suas brabezas. Isso não tem mais cabimento, que o mundo já deu muitas voltas. O sertão vai junto, demudando os seus velhos tratos. (FONSECA, 2006, p. 77)

O elemento fornecido pela narradora de *Nhô Guimarães* para a constituição do sertão como um lugar da memória é a sua própria narrati-

va, que sabe “dizer o sertão”, é o “tesouro” guardado e socializado, são suas memórias, que se constituem em memória do sertão. Em muitas situações os causos e os acontecimentos passados são ensinamentos e orientações para o presente e o futuro. Sabedoria de uma gente simples que tira do próprio viver lições para a vida. É de uma imensidão de conhecimentos, adquiridos através de vivências próprias ou exemplos alheios, que a velha sertaneja tira o ensinamento, o conselho, a sabedoria. E não perde a oportunidade de orientar e aconselhar seu jovem ouvinte.

Todas essas questões de gênese e memória dos textos literários levam a uma reflexão sobre determinadas práticas de alguns escritores contemporâneos que buscam arquivar seus escritos e deixar assim um legado cultural que também reflete, talvez de forma inconsciente, o seu desejo de não ser esquecido ao longo da história. Derrida (2001), em *Mal de Arquivo*, evoca um dos princípios do arquivo como a espera sem horizonte acessível, a impaciência absoluta de um desejo de memória. De acordo com Antelo (2011), um texto achado num arquivo sempre postula um para além da significação, porque toda frase lida é literalmente, uma transposição, uma tradução, o vestígio de um corpo ausente que esteve ali.

Aleilton Fonseca tem essa consciência da importância do arquivamento para a memória cultural, como também para os estudos de gênese e processos criativos, por isso guarda todas as versões de seus escritos. Acompanhando os avanços tecnológicos, registra seu processo de criação em meio digital, arquiva tudo no computador. Além dos arquivos digitais, faz impressões e encadernações, pois afirma que sente satisfação ao ver a palavra impressa e que também faz correções nesses textos, como no caso dos documentos de processo de *Nhô Guimarães*. Em entrevista, o escritor revela porque faz isso e porque acredita ser importante esse arquivamento.

Como todos sabem, os escritores escreviam à mão e passavam a limpo, tinham seus cadernos, até chegar à forma final, que entregava ao editor e muitas vezes esses cadernos ou se perdiam, ou eram jogados fora, ou alguns eram guardados e hoje são relíquias, são documentos de arquivos. Hoje na era digital, nós (escritores) geralmente trabalhamos em computador, então o risco da perda desse trabalho de passagem, de mudança, de se perder, é muito grande, há um risco realmente, mas há escritores que simplesmente terminam uma etapa de sua escrita, registram, e se retomam para escrever, salvam como um outro arquivo e guardam aquele arquivo velho para confrontar, pra ver se está contente com as mudanças que fez, é uma preservação de arquivos utilizados e superados no cronograma de trabalho, não é nada mais que uma etapa de trabalho, depois alguns apagam, e com isso não se tem os registros. No meu ca-

so, eu gosto de registrar, talvez pela consciência de professor de Literatura que sou e de pesquisador, eu sei que tem uma importância, tem uma importância pra mim, tem uma importância eventual para quem se dedica a esse tipo de pesquisa, então eu preservo, eu não tenho vergonha de mostrar as etapas, as mudanças, eu não penso que a obra pronta, que sai no livro é que é a ideal e que as etapas devam ser jogadas fora, respeito os autores que fazem assim, que não querem mencionar, nem confessar nada do seu processo, mas querem mostrar sua obra pronta e acabada, é um direito de cada um. Eu gosto da ideia de guardar, então eu salvo os arquivos, e vou modificando e vou guardando aqueles anteriores, agora, eu costumo imprimir, porque não é só a leitura na tela que revela o estado do texto, é preciso colocar os olhos sobre o que está escrito e impresso, é preciso fazer essa leitura, ver as palavras impressas, então geralmente eu imprimo cada versão, leio, corrijo a mão, anoto, volto ao computador, aí salvo num novo documento e aí faço as modificações. E também não jogo fora esses documentos, eu guardo por um afeto pessoal, eu gosto dos meus guardados e também sei, tenho consciência da importância que estes testemunhos podem ter para aqueles que se dedicam à pesquisa da crítica literária, da crítica genética e da crítica textual.³¹

Tal afirmação caracteriza a prática do escritor e mostra também a maneira como lida com seus escritos, a paixão que sente em arquivar, e a consciência que tem da importância do trabalho dos críticos literários, textuais e genéticos para a divulgação dessa memória cultural que se apresenta no processo de escritura das obras literárias. Aleilton Fonseca descreve inicialmente em sua fala um pequeno percurso histórico que se remonta através da perspectiva de escrita do passado e como esse processo acontece hoje. Demonstra com seus comentários que é extremamente importante que os documentos de processo (manuscritos autógrafos) que antecedem à publicação sejam guardados e disponibilizados para pesquisa, com a era digital isso se torna ainda mais fácil. De acordo com Louis Hay,

Descobre-se assim nos manuscritos, o que seria preciso chamar a vida imaginária da obra, os planos que prolongam o destino dos personagens, numa duração que o autor não conhecerá nunca, observa-se no coração das escrituras, o longo trabalho da memória, que destila a essência do vivido e faz dela a matéria primeira da arte. (HAY, 2007, p. 20)

Vale ressaltar também a consciência que o escritor tem das relações interdisciplinares exigidas em um trabalho de análise textual, essa ligação entre as ciências da crítica literária, textual e genética, demonstrando assim que a atividade conjunta nessas áreas pode favorecer à qualidade e excelência dos trabalhos científicos feitos pelos pesquisadores na atualidade, utilizando todavia o princípio de adequação metodológica.

³¹ Trecho da entrevista com Aleilton Fonseca, realizada no dia 17 de junho de 2010.

O escritor discorre ainda sobre seus movimentos genéticos de correção, como imprime, faz correções à mão e depois volta a fazer novas impressões e por fim últimas modificações, demonstrando assim o labor da escritura e alguns mecanismos do seu processo de criação. De acordo com Marques (2003, p. 149), “[...] arquivando, o escritor deseja escrever o livro de sua própria vida, da sua formação intelectual; quer testemunhar, se insurgir contra a ordem das coisas, afirmando o valor cultural dos arquivos.”

3. O trabalho filológico e a preservação da memória cultural dos textos literários

A filologia, como ciência do texto, sempre esteve presente em diferentes períodos da história, trazendo importantes contribuições como: o estudo da língua e seu desenvolvimento histórico, a verificação científica da autenticidade dos textos, a comparação de manuscritos e, por conseguinte, as edições críticas. Além disso, essa ciência estuda a literatura e a cultura que são expressas nos documentos ou obras literárias.

Segundo Cambraia (2005, p. 20),

[...] a filologia textual tem grande importância no âmbito acadêmico. Ela tem impacto sobre toda atividade que se utiliza do texto como fonte, servindo, dessa forma, de auxílio para outras ciências que necessitam dos documentos para fundamentar suas teses.

Santos (2008, p. 88-102) afirma ainda que

A filologia estuda a língua, a literatura e a cultura representadas através de documentos e textos legados por uma determinada civilização, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos, explorando os mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, filológico, sócio-histórico, entre outros. Desse modo, a filologia cumpriria seu exercício por meio de diferentes tarefas, a saber: recuperação do patrimônio cultural escrito, exame da tradição textual e seu processo de transmissão, classificação dos textos e edições, fidedignas ou críticas, no campo da filologia textual; estudo de história da língua e ainda estudo de civilizações, no terreno da linguística histórica. Estas últimas tarefas da filologia se realizariam a partir de textos editados pela filologia textual.

Desde o período da Antiguidade, a filologia sempre se preocupou com os textos, afinal, o texto escrito é seu objeto de estudo, ela sempre buscou protegê-lo do tempo e da destruição que poderia sofrer com o passar dos anos. A transmissão da memória de uma geração e sua herança cultural e histórica, certamente dependeram da atividade dos filólogos.

Eram eles que registravam toda a história de um determinado povo, sua cultura, seus costumes, a memória preservada fazia com as civilizações se mantivessem vivas com o passar dos anos. De acordo com Santos (2006, *on line*)

A filologia ocupa-se, portanto, do texto, enquanto excerto de língua escrita, que constitui um todo unificado, ou ainda, conjunto de expressões que a escrita fixou sob diferentes formas, manuscrito, datiloscrito, digitoscrito ou impresso, para ser dito ou lido. Esse texto é o testemunho, materializado em determinado suporte, de uma época, de uma sociedade, de uma região, que, enquanto documento, é a prova que se tem dos fatos que marcaram dada sociedade, por exemplo, e, enquanto monumento, transmite a outros a memória. Assim, tudo aquilo que está fixado no documento escrito deve falar por si e dar os subsídios para sua interpretação. Ao filólogo cabe então, além de salvar o patrimônio escrito, artístico e cultural, agir na recuperação, restauração, conservação e edição de textos (testemunhos-documentos monumentos). Não se trata de armazenar documentos, mas de propor novos sentidos, novas leituras, novas formas de ver o mundo.

Quanto à função da filologia, pode-se dizer que ela não sobrevive sem os textos escritos, sejam manuscritos ou impressos, antigos ou modernos. São três, segundo Spina (1997, p. 67), as funções da atividade filológica:

A função substantiva, onde o filólogo se concentra no texto para explicá-lo, restitui-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para a publicação. A função adjetiva acontece quando o filólogo deduz do texto aquilo que explicitamente não está nele: a sua autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização), e a função transcendente, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida cultural de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o filólogo, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou.

A prática filológica está intrinsecamente ligada aos conceitos de memória, dos estudos de gênese e conseqüentemente de arquivo. A literatura pode ser considerada como um discurso de inúmeras possibilidades da existência humana e de conexões interdisciplinares. A memória cultural deixada através do texto literário de *Nhô Guimarães* nos mostra o sertão como esse lugar de representações de um povo com suas práticas culturais, suas vivências, de uma região marcada pelas secas, mas também pela força de uma gente que aprendeu a vencer suas dificuldades com luta e determinação. De memórias individuais, a narradora fomenta a memória coletiva de uma sociedade.

4. Considerações finais

O escritor termina o romance deixando no ar o começo de uma nova história, ou um recomeço, com a possibilidade de parentesco entre o jovem ouvinte e a sertaneja octogenária, talvez, neto e avó. E com isso também mostra como as memórias se perpetuam de uma geração para outra.

A memória dos idosos, com suas recordações e lembranças, é uma obra pessoal que sobrevive e que, ao ser registrada, ultrapassa o tempo real de vida da pessoa, perpetuando não apenas a história de uma vida mas a cultura de uma sociedade numa determinada época.

Aleilton Fonseca, em *Nhô Guimarães* centra o foco narrativo no sertão e escreve não só sobre as incursões de Guimarães Rosa pelos Gerais, mas, através das recordações da sua narradora-personagem, escreve as memórias do sertão, produzindo uma obra que retrata a diversidade da paisagem humana sertaneja.

Ademais, o conhecimento dos arquivos de gênese dessa obra, torna esse processo de análise ainda mais significativo, pois retratam o texto desde o princípio de sua formação e também remontam o perfil de um autor que deixa seu legado cultural através dos processos de escritura e arquivamento de textos literários com forte representação social, cultural e literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTELO, Raúl. O tempo do arquivo não é o tempo da história. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p. 155-175.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Trad.: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FONSECA, Aleilton. *Depoimento* [17 jun. 2010]. Entrevistadora: Adna E. Couto dos Santos. Feira de Santana: UEFS/Universidade Estadual de Feira de Santana. 1 câmera digital (50m).

_____. *Nhô Guimarães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *O desterro dos mortos*. (Contos). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *O desterro dos mortos: contos*. 2. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

_____. *O desterro dos mortos: contos*. 3. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2012.

HAY, Louis. Pensar a gênese. In: _____. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad.: Cleonice Paes Barreto de Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 35-89.

HUYSEN, Andreas. Passados presentes. In: _____. *Seduzidos pela memória*. Trad.: Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 141-156.

PÓLVORA, Hélio. Andarilho por vocação. *A Tarde*, Salvador, 9 abr. 2005. *A Tarde Cultural*, p. 3-4.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Contribuições da crítica textual para a literatura baiana. In: FONSECA, Aleilton (Org.). *O olhar de Castro Alves: ensaios críticos de literatura baiana*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2008, p. 125-139.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a linguística. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, Cifefil, vol. X, n. 9, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/04.htm>>. Acesso em: 4-09-2013.

_____. Texto e memória edição e estudo de textos teatrais. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: Cifefil, vol. XI, n. 6, p. 88-102, 2008. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xicnlf/6/texto e memoria edicao e estudo de texto.pdf](http://www.filologia.org.br/xicnlf/6/texto_e_memoria_edicao_e_estudo_de_texto.pdf)>. Acesso em: 25-09-2013.

SPINA, Segismundo. *Introdução à ecdótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

WAGNER, Henrique. Passagens críticas: simplicidade e lirismo. *A Tarde*, Salvador, 9 abr. 2005. *A Tarde Cultural*, p. 4.